

EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO: UMA ANÁLISE SOBRE O USO DE OFICINAS NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS EFICAZES.

RICHARD MARTINS SILVEIRA¹
DALILA MÜLLER²

¹*Universidade Federal de Pelotas – richardmartinssilveira@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – dalilam2011@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Fundado em 2017, o projeto de extensão Oficinas de Turismo para Educação e Patrimônio visa desenvolver oficinas que incentivam a educação patrimonial e turística, atendendo grupos por vezes marginalizados, como por exemplo, idosos, estudantes de ensino fundamental e médio de escolas públicas mais afastadas do centro, pessoas com deficiência, entre outros grupos. Ao analisar artigos sobre educação patrimonial, percebe-se a importância do uso da lúdica para incentivar o interesse e a participação do público alvo. De acordo com Rollof (2010), o lúdico pode trazer à aula um momento de felicidade, seja qual for a etapa de nossas vidas, acrescentando leveza à rotina da educação. Através de oficinas é possível promover atividades que possibilitam a identificação da comunidade com o patrimônio.

A Educação Patrimonial, em primeiro lugar, deve considerar que a preservação dos bens culturais é uma prática social, inserida nos contextos culturais, nos espaços da vida das pessoas. Ela não deve se utilizar de práticas que enaltecem e retificam coisas e objetos sem submetê-los a um universo de ressignificação dos bens culturais. Ela associa, portanto, os valores históricos do bem cultural ao seu lugar atual, em sua comunidade de inserção, ou seja, ao lugar social onde o bem está agora. (BRANDÃO, 1996, p. 27).

O contexto pandêmico, infelizmente, limitou de forma considerável a implementação das oficinas que o projeto oferece, já que os mesmos grupos em vulnerabilidades sociais dificilmente seriam contemplados através da realização das atividades de forma remota. Devido a impossibilidade de elaborar novas oficinas presenciais, este trabalho propõe a análise de metodologias que abordaram a educação patrimonial em artigos já publicados.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração deste estudo, foi o utilizado o método de levantamento bibliográfico, que, como dito por Galvão (2010, p. 1) “realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além.”. Serão analisados cinco artigos sobre o tema, sendo estes: “Educação Patrimonial e Memória na escola” escrito por Alex Juarez Müller, “Educação Patrimonial no Arquivo Público do RS: memória, justiça e ensino de História” do autor Erick Vargas da Silva, ambos encontrados no ebook “JARDIM DE HISTÓRIAS: DISCUSSÕES E EXPERIÊNCIAS EM APRENDIZAGEM HISTÓRICA”, publicado em 2017, “Desafios para uma nova Educação Patrimonial” publicado na Revista Teia por Simone Scifoni em 2017, “Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF” por Thaíse Sá Freire Rocha para o XVIII Encontro Regional ANPUH de 2012, e “Pé em casa: educação patrimonial em tempos de isolamento social” publicado na Revista Com Censo no segundo semestre de 2020 pelos autores: Ana Paula Campos Gurgel, Amanda Idala Dias

de Oliveira, Anny Caroline Mori Rodrigues, Juliana Albuquerque Campos da Silva e Vitor Vaz Mendes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação para o patrimônio, ou educação patrimonial como ainda é encontrado em algumas obras, não é de fácil definição, já que muito depende da subjetividade e do entendimento particular de cada pessoa na interpretação do que é ou não patrimônio. Concordando com Grunberg (2007) a vida é nosso primeiro patrimônio, com ela adquirimos tudo o que somos, e partindo disso

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no cidadão o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos homens e mulheres sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. (APOLINÁRIO, 2012, p. 58).

Analizando o artigo “Desafios para uma nova Educação Patrimonial” (2017), nota-se a dificuldade e a necessidade em superar abordagens mais tradicionais durante a educação para patrimônio. A autora, Simone Scifoni (2017, p. 7), aponta que uma grande falha nas metodologias é a repetição de ideias ultrapassadas, “que são repetidas à exaustão no presente”, e propõe que se deve conscientizar as novas gerações, sem o uso de conceitos diretamente partidos do educador para o aluno, e sim através da construção desses conceitos por meio do estímulo, do contexto em que estão imergidos e da prática.

O uso de oficinas tem sido uma ferramenta recorrente e efetiva ao trabalhar o tema durante os últimos anos, sendo uma maneira de estimular a imaginação durante o aprendizado, e “a imaginação é o que nos permite criar um mundo, ou seja, apresentamos uma coisa, da qual sem imaginação não poderíamos nada dizer e, sem a qual não poderíamos nada saber.” (CASTORIADIS, 1992, p. 89).

No texto “Educação Patrimonial e Memória na escola” (2017), o autor Alex Juarez Müller, sugere o uso da escola como um ponto de encontro de memórias, trazendo as vivências dos estudantes para serem tratadas de forma coletiva, promovendo a troca de experiências entre os presentes, gerando vínculos, mostrando que o patrimônio é de pertencimento coletivo, social. Mas também acredita que a educação patrimonial não necessita de um espaço oficial, já que ela é feita de multiplicidades do saber, e também cabe à educação patrimonial “discutir para compreender os problemas e agir com soluções possíveis.” (MÜLLER, 2017, p. 27).

Ao contrário do que se pensa, as oficinas não são unicamente direcionadas para crianças. No texto “Educação Patrimonial no Arquivo Público do RS: memória, justiça e ensino de História” por Erick Vargas da Silva, é abordada a oficina “Resistência em Arquivo”, que busca refletir sobre o trabalho conjunto entre ensino de história e a educação patrimonial, trazendo documentos históricos de vítimas da violência de estado praticadas durante o período da Ditadura civil-militar de 1964. A oficina é desenvolvida junto aos alunos do ensino médio e da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Como resultado, notou-se a sensibilização dos estudantes participantes sobre o tema e a identificação de novas potencialidades de associação do ensino da história e educação para o patrimônio.

O artigo “Pé em casa: educação patrimonial em tempos de isolamento social”, dos autores: Ana Paula Campos Gurgel, Amanda Idala Dias de Oliveira,

Anny Caroline Mori Rodrigues, Juliana Albuquerque Campos da Silva e Vitor Vaz Mendes, por sua vez, expõe sobre o projeto de extensão “Pé na Estrada”, direcionado aos acadêmicos da graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, tratando diretamente o aprendizado de arquitetura e do patrimônio de forma descontraída através de viagens e mesas redondas. Em decorrência ao COVID-19, o projeto sofreu alterações, foi criada a vertente “Pé em casa”, composta por atividades pensadas para o isolamento social, como visitas virtuais e jogos de tabuleiro e memória, para serem impressos em casa.

A utilização dos jogos e brincadeiras na educação, no trabalho pedagógico e psicopedagógico com sujeitos que apresentam ou não dificuldades de aprendizagem apresenta-se como uma alternativa interessante, pois pode despertar o interesse e o desejo de aprender e, ao mesmo tempo, pode possibilitar o desenvolvimento de estruturas de pensamento mais elaboradas, a apropriação e a construção de conhecimentos, enfim a aprendizagem. (GRASSI, 2008, p. 103)

No artigo “Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF” escrito por Thaíse Sá Freire Rocha, a autora estuda o caso do projeto de extensão “Compartilhando experiências: a educação patrimonial e a socialização do saber” existente na Universidade Federal de Juiz de Fora. A realização se dá através de aulas interativas e oficinas de expressão metodológica, e busca trabalhar a história da região no período pré colonial. O objetivo de uma das oficinas oferecidas é reconstruir os utensílios empregados em vários âmbitos da vida diária da sociedade indígena através de técnicas usadas por essa população na época. Trazendo resultados aos estudantes que tornam-se mais conscientes sobre a importância do reconhecimento, da valorização e da conservação do patrimônio e da memória da região.

4. CONCLUSÕES

A partir da análise dos artigos, conclui-se que para realizar uma metodologia mais efetiva nas oficinas de educação para o patrimônio deve-se considerar diversos fatores, como a contextualidade e o público-alvo, por exemplo. Outro fator importante é o uso de atividades lúdicas, pois através da brincadeira é possível ser criativo e descobrir seu próprio eu.

As oficinas de educação para o patrimônio são importantes para a valorização e preservação do patrimônio e, para isso, devem ser desenvolvidas a partir das vivências pessoais e coletivas dos indivíduos, pois o patrimônio é de pertencimento coletivo e social.

Os artigos destacam a importância de jogos e brincadeiras para a aprendizagem. Desse modo, o artigo de 2020 apresenta alternativas para trabalhar essas atividades de forma remota.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOLINÁRIO, J. R. Reflexões sobre a Educação Patrimonial e experiências da diversidade cultural no ensino de História. In TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.
- BRANDÃO, C. R. et al. **O difícil espelho**: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: Iphan/Depron, p. 293-294, 1996.
- GALVÃO, M. C. B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. Fundamentos de epidemiologia. 2.ed. v. 398, p. 1-377, 2010.
- GRASSI, T. M. **Oficinas psicopedagógicas**. Editora Ibpex, 2013.
- GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.
- GURGEL, A. P. C. et al. Pé em casa: educação patrimonial em tempos de isolamento social. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 170-177, 2020.
- MÜLLER, A. J. Educação Patrimonial e Memória na Escola. In BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria (Org.). **Jardim de Histórias**: discussões e experiências em aprendizagem histórica. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição Especial Ebook LAPHIS/Sobre Ontens, 2017.
- ROCHA, T. S. F. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio**: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. XVIII Encontro Regional ANPUH, 2012.
- ROLOFF, E. M. A importância do lúdico em sala de aula. In: **SEMANA DE LETRAS DA PUCRS**, X, Porto Alegre, 2009, **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2010.
- SCIFONI, S. Desafios para uma nova Educação Patrimonial. **Revista Teias**, v. 18, n. 48, p. 5-16, 2017.
- SILVA, E. V. da. Educação Patrimonial no Arquivo Público do RS: memória, justiça e ensino de História. In: **SALÃO DE ENSINO DA UFRGS**, X, Porto Alegre, 2014, Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2014.